



ENEPEX

ENCONTRO DE ENSINO,
PESQUISA E EXTENSÃO

8° ENEPE UFGD • 5° EPEX UEMS

A MEMÓRIA CULTURAL DO MATO GROSSO DO SUL ATRAVÉS DAS CRÔNICAS E ENTREVISTAS DE MARIA DA GLÓRIA SÁ ROSA

Paulo Bungart Neto ¹; Ana Claudia Araujo Matos Krul ²

UFGD – Facale, C. Postal 533, 75804-970 Dourados-MS, E-mail: pauloneto@ufgd.edu.br

¹ Prof. Dr. Docente do curso de Letras da FACAILE-UFGD; ² PIBIC/UFGD/CNPq

RESUMO: Este artigo tem como objetivo discutir a dinâmica de identificação do baú rico de autores que fazem parte da história e da literatura sul-mato-grossenses, com o apoio bibliográfico de historiadores e memorialistas vinculados à cultura campo-grandense e seu entorno, analisando episódios ocorridos durante o longo período de desenvolvimento da educação e cultura do estado, em que um dos fatores de destaque é a divisão do Mato Grosso. Sobre a obra da professora e escritora Maria da Glória Sá Rosa, o artigo dá ênfase aos volumes *Deus quer o homem sonha a cidade nasce – Campo Grande Cem anos* (1999) e *Crônicas de fim de século* (2001), nos quais através, respectivamente, de entrevistas com as personalidades envolvidas e de crônicas, a autora traça um complexo perfil da colonização e do desenvolvimento do Mato Grosso do Sul, sobretudo de Campo Grande que viria a ser, a partir de 1979, capital do estado.

PALAVRAS-CHAVE: literatura sul-mato-grossense; memórias; Maria da Glória Sá Rosa.

INTRODUÇÃO

“Vinte narradores guiados pelo fio da memória reconstruíram sua ligação com a cidade, num processo amoroso, em que recuperaram a invisível mensagem oculta nas dobras da matéria e desenharam o mapa afetivo de uma Campo Grande, que lhes pertence pelo muito que deram e receberam, nessa troca que é a base das verdadeiras construções” (Maria da Glória Sá Rosa, 1999, p.17).

Maria da Glória Sá Rosa nasceu em Mombaça (CE) no dia 4 de novembro de 1927. No ano de 1939 mudou-se com a família para Campo Grande, na época, Mato Grosso. Mais tarde, graduou-se em Línguas Neolatinas pela PUC do Rio de Janeiro; fundou e dirigiu a Aliança Francesa de Campo Grande; participou da instalação dos primeiros cursos superiores de Campo Grande, em 1961, na Faculdade Dom Aquino de Filosofia, Ciências e Letras, onde ministrou aulas durante 18 anos. Na Faculdade Católica Dom Bosco, criou o Teatro

Universitário de Campo Grande, a Revista Estudos Universitários e o Cine-Clube de Campo Grande. Como coordenadora do Curso de Letras da Universidade Católica Dom Bosco, promoveu diversos cursos e semanas literárias. Produziu o programa “Intercomunicação” na TV Morena e “Mensagem ao Mundo Feminino” na Rádio Educação Rural.

O grande salto na vida de Maria da Glória Sá Rosa se deu em 1967, quando começou a trabalhar na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, lá ficando durante 26 anos. Tendo sido chefe de alguns departamentos e órgãos culturais, promoveu exposições de artes plásticas, ciclos de conferências, além do Projeto “Prata da Casa”, responsável por espetáculos de música ao vivo e edição de álbuns com músicos da região. Também na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul lecionou Literaturas de Língua Portuguesa, Língua e Literatura Espanhola, História da Arte e Didática. Durante anos foi Presidente do Conselho Estadual de Cultura, é membro da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras e da Associação Brasileira de Críticos de Arte. Também recebeu o título de cidadã sul-mato-grossense da Assembléia Legislativa de Mato Grosso do Sul. Em fevereiro de 2005, o Conselho Universitário da Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul concedeu-lhe por unanimidade o título *Doutora Honoris Causa* pelos serviços prestados à educação e à cultura de Mato Grosso do Sul e à história da UFMS. Assim, Maria da Glória Sá Rosa possui uma longa caminhada ao lado da educação e da cultura regional do estado. Viajou por diversos países do mundo e também conheceu todos os estados brasileiros, interessando-se por escritores os mais variados, pertencentes à literatura regional, nacional ou universal.

Essa cearense de Mombaça, que veio morar no Mato Grosso do Sul, se destacou na cultura das artes, lutou com garra e sabedoria, soube transformar sonhos em realidade, se destacou brilhantemente através da sua escrita e dedicação. Escreveu mais de dez livros e inúmeros artigos, inscrevendo definitivamente seu nome na história da literatura sul-mato-grossense.

DEUS QUER O HOMEM SONHA A CIDADE NASCE: MEMÓRIA DA FORTUNA CRÍTICA DO MATO GROSSO DO SUL

“O passado de um povo é a base onde se alicerça o seu presente e, ao mesmo tempo, a mola propulsora que projeta o seu futuro. Um povo sem o registro de seu ontem é um povo sem memória; e o povo sem memória é cego quanto ao seu amanhã” (Elpídio Reis, 1993, p. 5).

Publicada em 1999, a obra *Deus quer o homem sonha a cidade nasce – Campo Grande: 100 anos* reúne histórias, contadas através de entrevistas, de vinte profissionais, tais como: professores, artistas plásticos, empresários, políticos, dentre outros, que contribuíram para a consolidação da educação e da cultura no Mato Grosso do Sul. A narradora emerge por meio das histórias de vida de cada um desses profissionais, na procura da construção de diálogos, como recordações de histórias desde o Mato Grosso do passado, até os dias de hoje, como Mato Grosso do Sul.

Foram esse grupo de representantes, vindos de vários estados do Brasil, como Minas Gerais, São Paulo, Rio de Janeiro e Ceará, entre outros estados, que se tornaram referências fundamentais na construção da obra de Sá Rosa, que, por se tratar de um conjunto de entrevistas a respeito da história de Campo Grande, possui conteúdo memorialístico, pois apresentam experiências recuperadas a partir de lembranças, com relatos que vão dos primórdios de Campo Grande até o fim do século XX, quando a obra é composta (1999). Alguns desses pioneiros são: José Barbosa Rodrigues, Humberto Espíndola, Pedro Chaves dos Santos Filho, Paulo Coelho Machado, Oliva Enciso, dentre outros, que contribuíram para a consolidação da memória do então estado de Mato Grosso, hoje Mato Grosso do Sul.

Maria da Glória Sá Rosa escreveu depoimentos significativos em questões referentes à criação do estado de Mato Grosso do Sul, revelou a trajetória de cada um desses profissionais, que participaram dos fatos e momentos históricos marcados por gerações, enfrentaram riscos no cotidiano, nas longas viagens ocorridas nesta época, tiveram competência na dinâmica social e cultural do estado, houve alguns relatos na pesquisa, que foram resgatadas de um silêncio criterioso, suas fontes foram coletadas e construídas por meio de entrevistas ou por meio da comunicação.

A interpretação dessas “raízes” nos leva a uma representação rica de um passado vivo na memória de cada um que a relembra, como por exemplo, no depoimento do historiador e jornalista José Barbosa Rodrigues, mineiro da cidade de Poços de Caldas, que, aos 27 anos de idade, veio morar no sul de Mato Grosso na companhia da esposa, a professora Henedina Hugo Barbosa, e do filho mais velho. Naquela época, junto com sua esposa, trabalharam em vários estabelecimentos de ensino de Campo Grande: “Não fiquei muito tempo no ensino, o salário era pequeno e precisava desdobrar-me para sustentar a família” (*apud* ROSA, 1999, p. 100). Barbosa relembra a época em que trabalhou no “Jornal do Comércio”:

Ao mesmo tempo comecei a publicar meus artigos, um sobre o fim da Segunda Guerra, outro sobre a beleza das linhas do edifício Nacau, naquele tempo denominado Santa Elisa, do que resultou um convite para trabalhar na

redação. Dois anos depois, o diretor Jaime de Vasconcelos convidou-me para redator-chefe (*apud* ROSA, 1999, p.100).

No ano de 1954, Barbosa Rodrigues fundou o jornal “Correio do Estado”, em Campo Grande. Empresário do ramo editorial, tornou-se um dos principais integrantes da vida cultural do Mato Grosso, sendo também autor de obras sobre a história do Mato Grosso do Sul, estado no qual descobriu a “singularidade de uma existência construída a partir da determinação de superar as dificuldades do dia-a-dia” (*apud* ROSA, 1999, p.96).

Foram caminhos instigantes, com frutos vitoriosos na construção da história e da memória de Mato Grosso do Sul. Após a morte de Barbosa Rodrigues, em 2003, suas empresas passaram a ser administradas pelos seus herdeiros, sob a liderança do filho Antônio José Hugo Rodrigues. O grupo também administra a Fundação Barbosa Rodrigues, criada em 1982 com o objetivo de desenvolver projetos sociais e artísticos, resgatando a história do Estado, tornando-se um dos principais projetos da vida cultural sul-mato-grossense.

Em outro momento marcante da trajetória de Sá Rosa, na coletânea *Memória da arte em Mato Grosso do Sul* (1992), ao falar da família Espíndola, a intelectual destaca: “Há em Mato Grosso do Sul uma árvore familiar sustentada pela seiva da arte” (ROSA, 1992, p. 93). Sá Rosa refere-se aos músicos Geraldo, Alzira e Tetê, e também ao artista plástico Humberto Espíndola, que, com sua sensibilidade e talento, completa uma família de artistas “unidos pelo sangue, pelo talento e pelo prazer” (*idem*).

Humberto Espíndola organizou, em 1966, a primeira exposição de artistas mato-grossenses, fundando também a “Associação Mato-Grossense de Arte”. Adepto de temáticas regionais, Humberto volta-se para a bovinocultura, vista como representativa da riqueza do estado, mesmo provocando estranheza em alguns meios, àquela altura não acostumados com a exploração do tema:

Com a certeza desse papel do artista, trabalhei muito até encontrar minha linguagem específica, aquela que pudesse mostrar o meu momento: pintei paisagens em Corumbá, o casório do Porto, mulheres – uma temática de que sempre gostei muito, rostos, expressões, aquelas coisas mais influenciadas do que criadas. Pintei paisagens surrealistas, penetrei por um caminho mais expressionista, até que começou, na minha cabeça, a relação entre o boi e o dinheiro (ROSA, 1992, p. 251).

Foi a partir da bovinocultura que Humberto Espíndola encontrou o termo para suas pinturas, passou a humanizar o boi, para denunciar a representação do poder da humanidade na sociedade:

Os trabalhos de Humberto são painéis narrativos, surgido do seu contacto com a vida. São definições de um universo construído nas linhas geométricas da emoção e da consciência da responsabilidade do artista para com a cidade de, que ele elegeu para viver e que se orgulha de tê-la como seu cantor (ROSA, 1999, p.170).

A trajetória do artista plástico sul-mato-grossense foi longa, dedicou-se a projetos em uma região que ajudou a transformar através de sua arte, assumindo uma imagem de artista sensível ao cenário do “Pantanal Mato-Grossense”. Por isso a divisão do Mato Grosso é retratada em suas telas, como por exemplo, no Óleo sobre Tela intitulado “O sopro”, de 1978, conforme se vê abaixo:



. O Sopro, 1978 – Óleo sobre tela – 1.30 X 1.70 cm. Acervo Museu de Arte Contemporânea – MARCO, Campo Grande – MS.

A Divisão do Estado, por que lutou durante longos anos, aconteceu quando estava longe de Campo Grande, o que o deixou frustrado, revoltado, por não estar participando do processo. Em Cuiabá começou a gostar do estado como um todo, quando descobriu a cidade, para cuja Universidade fora contratado, como um lugar, que valorizava o movimento cultural e na qual poderia dar continuidade ao que havia iniciado em Campo Grande (ROSA, 1999, p.177)

Na obra “O Sopro”, Humberto Espíndola buscou mostrar a implantação do “Novo Estado”, em 1978, sintetizando a Divisão do estado em uma série de quadros, nos quais a separação política das terras se dá através do boi e de seu “sopro”, dividindo o território e as águas do Pantanal, deixando apenas a lembrança traumática do passado. Humberto Espíndola

“permanece em contínuo processo. Surpreende inquieta, supera-se a cada instante” (ROSA, 2001, p.33).

Quantas histórias de superação de obstáculos formam a memória do então sul do Mato Grosso dos Sul. Existem homens e mulheres de coragem, que se dedicaram à formação de Campo Grande e região, que lutaram por uma vida melhor, hoje, muitos deles, são reconhecidos como representantes do estado. Além de Barbosa Rodrigues e da família Espíndola, outro pioneiro do desenvolvimento de Campo Grande foi o educador Pedro Chaves dos Santos, que, ainda criança, teve de deixar sua terra natal (Ponta Porã) para estudar em um colégio de padres na Colômbia. Sua trajetória e biografia são descritas por Elpídio Reis no volume *Pedro Chaves dos Santos* (1993).

Em Campo Grande, o mundo descortinou ao educador o seu destino. Casou-se e fez-se pai, oferecendo aos seis filhos bons estudos, sendo que um deles, Pedro Chaves dos Santos Filho, seguiu seus passos como educador. Como funcionário da Prefeitura Municipal de Campo Grande, iniciou-se como encarregado da limpeza de jardins na Praça Ari Coelho. Cresceu profissionalmente e foi nomeado a cargos elevados, inclusive dentro do SENAI. De acordo com Elpídio Reis:

Partindo de sua condição de criatura que não fez cursos regulares, lembrando-se de seus tempos de homem do campo, de varredor de ruas, de abridor de valas, de limpador de riachos, de seus trabalhos pesados, enfim, lembrando-se de sua condição de autodidata, chegava sempre à conclusão de que só a educação e a instrução aprimoram as pessoas, estando aí, nesse aprimoramento, em Campo Grande, uma grande tarefa a ser cumprida por alguém que se dispusesse a tanto (REIS, 1993, p.25).

Investir na educação foi uma das prioridades de Pedro Chaves dos Santos depois que se aposentou, e, com a ajuda dos filhos Plínio e Therezinha, que já trabalhavam como professores, edo sócio Sebastião Amaral, seu sonho se concretizou. Assim foi criada a “Moderna Associação Campo-Grandense de Ensino” (MACE). Nas palavras do filho do educador, em entrevista concedida à Sá Rosa: “Nenhuma escola poderá considerar-se digna desse nome, se não estiver alicerçada no ambiente cultural do aluno, refletindo seus hábitos, tradições, jeitos de ser, numa atitude crítica, que estimula o crescimento” (*apud* ROSA, 1999, p.203). Dando continuidade ao trabalho de seu pai, Pedro Chaves dos Santos Filho desponta como um dos principais pioneiros da educação no Mato Grosso do Sul e, em especial, da cidade que viria a se tornar sua capital: “É uma satisfação poder contribuir para o desenvolvimento de uma cidade, crescer com ela, viver através do trabalho, seus momentos de desafios” (*apud* ROSA, 1999, p. 215).

Outro intelectual que contribuiu para a consolidação da memória do estado foi o historiador Paulo Coelho Machado, falecido em julho de 1999. Grande advogado, professor de Direito, escritor e historiador, ocupou a cadeira 21 da Academia Sul-mato-grossense de Letras:

Meu maior prazer era percorrer as ruas de bicicleta, sentindo o cheiro da terra, enchendo os olhos do verde das árvores. Gostava dos piqueniques à beira dos córregos, dos açudes em que tomávamos banho, ao lado da família e dos amigos. Havia os carros de aluguel com os pontos, onde ficavam os motoristas, naquele tempo denominado (sic) choferes (*apud* ROSA, 1999, p. 235).

Paulo Coelho Machado anuncia suas raízes através do apelo às recordações das ruas, seu lugar predileto, especialmente durante os passeios de bicicleta na juventude, em que catava vidros e os considerava como pedras preciosas, registros de uma memória que, mais tarde, evocaria também histórias da realização dos sonhos de algumas pessoas que contribuíram para a construção do território e da identidade sul-mato-grossenses:

Com dois anos, em 1919, vim para Campo Grande. Aqui aprendi as primeiras letras nos diversos colégios da época. Pequenino ainda, gostava de decifrar os letreiros das casas, dos bondes, dos ônibus, nos passeios com minha família pelo Rio de Janeiro (*apud* ROSA, 1999, p. 233).

As lembranças de vida têm a possibilidade de serem recuperadas através da memória, evocando situações guardadas por muito tempo: “As lembranças vão deslizando, como notas de uma sonata esquecida e de repente recuperada” (ROSA, 1999, p.237). Sempre procurando dar sentido ao passado, Paulo Coelho Machado voltava seu olhar para a formação da história e da cultura do Mato Grosso do Sul.

Lembrando-se das atividades econômicas e sociais de Campo Grande no início de sua colonização, Paulo Coelho Machado comenta como eram os festejos do carnaval, em carruagens que percorriam duas avenidas “(...) num vaivém incessante, com moças e rapazes fantasiados a atirarem serpentinas, confetes, lança-perfumes de carro para carro, enquanto os blocos faziam batucados no meio da rua” (MACHADO, 1991, p.13). Não esquecendo “O Relógio”, de uns cinco metros de altura, inaugurada em 1933 e localizada no Centro, no cruzamento das avenidas Afonso Pena e Calógeras, tornando-se, desde essa época, importante referência de Campo Grande.

São registros do passado que apontam para o presente e para o futuro, permitindo serem vistos como “realidade própria do Mato Grosso do Sul, que se tornou um estado com fortes vínculos com seu povo e com sua memória”. Como na história de Oliva Enciso: “Somente a

presença de um dom divino explica o jeito de ser e de viver de Oliva Enciso essa mulher pequenina, de aparência frágil, que ajudou a mudar os rumos de Mato Grosso do Sul” (ROSA, 1999, p.245).

Professora pioneira na luta pela educação de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul, manteve-se firme nas causas sociais, sobretudo aquelas voltadas para a educação, deu lições de sabedoria por onde passou, “não acumulou fortuna material”, mas rica de generosidade. Ocupou a cadeira 22 da “Academia Sul-Matogrossense de Letras”, tendo participado, através de crônicas e poemas, do “Caderno B” do “Correio do Estado”:

As lembranças são marcadas pelas festas religiosas, que preenchiam o vazio resultante da falta de opções. (...) A humildade, um de seus traços distintivos, levou-a ainda adolescente a oferecer-se para trabalhar como servente no Instituto Pestalozzi, de Campo Grande, em troca do pagamento da mensalidade (ROSA, 1999, p. 247).

Dominou todas as tarefas com seu trabalho, registrando na memória experiências entrelaçadas com a vida: “As negativas não figuravam em seu vocabulário, quando se tratava de dar casa, comida, ensino e trabalho a um aluno pobre” (ROSA, 1999, p. 247). Sempre surpreendendo a todos com sua garra, dedicação e capacidade de ser uma boa professora e mestre, foi responsável pela instalação do SENAI e do SESI de Campo Grande, e em 1967 ajudou a fundar a APAE. Cumpriu a missão do homem do seu tempo, dedicando toda sua vida em prol do desenvolvimento da cidade.

Segundo Guimarães Rocha, em *Grandezas da literatura sul-mato-grossense* (2011), existe um boletim informativo do SENAI de 1949 que traz a seguinte citação: “Quando se tiver de escrever a história da penetração do ensino profissional no Oeste Brasileiro, haverá necessidade de se omitir nome de mulher, o de D. OLIVA ENCISO” (ROCHA, 2013, p.106). Nunca se refugiou nos afazeres do dia-a-dia, dedicou-se profundamente a tudo que fez, sem medo dos seus limites: “não acumulou fortuna material. A casa modesta na Rua Barão do Rio Branco, onde vive com sua irmã, foi adquirida através de empréstimos no Banco” (ROSA, 1999, p. 251). Procurando sempre o essencial, seu destino foi traçado para trilhar com sabedoria e paixão pela educação seu compromisso com o próximo.

CRÔNICAS DE FIM DE SÉCULO: LITERATURA, ARTE E CULTURA SUL-MATO-GROSSEENSES

“De acordo com a Antropologia, cultura é a soma dos bens produzidos pelo homem, em oposição aos produtos da natureza. Essa intervenção do homem

sobre os bens materiais, modificando-os, transformando-os, conduz ao dinamismo latente de todas as culturas” (ROSA, 1992, p. 13).

O volume *Crônicas de fim de século* (2001), de Maria da Glória Sá Rosa, reúne algumas de suas principais crônicas sobre escritores e artistas de sua predileção, e sobre inúmeras viagens que fez ao exterior. Dentre essas crônicas, encontramos homenagens a Lídia Baís, Manoel de Barros, Demosthenes Martins, dentre outros.

Na crônica sobre Lídia Baís, intitulada “Artista além do tempo” (2001, p. 16-21), Sá Rosa destaca detalhes de sua biografia, como o fato de ter nascido em Campo Grande em 1900, e de cedo ter conhecido seus dotes de pintora, pianista e compositora. Filha de Bernardo Baís, Lídia foi o primeiro nome “de peso” na história da arte de Mato Grosso: “Desde muito cedo, Lidia Baís iniciou seus estudos e sua ‘peregrinação’ por diversos colégios e internatos religiosos” (RIGOTTI, 2009, p. 29). Saiu muito cedo da casa de seus pais, para estudar em colégios religiosos, e assim descobriu o gosto da liberdade:

Não saio de casa, não visito nem sou visitada por ninguém. Em Paris, andava sem medo por toda parte. Atravessava as ruas da margem esquerda e da margem direita do Sena com a segurança de quem é dono do mundo. Convivia com artistas, freqüentava o meio social da época. Atualmente, não conheço mais ninguém. (...) Não sei quem são os pintores de hoje. Só conheço o Espíndola. Ele e Aline fazem muito alarde em torno de minha pessoa, mas é tudo sem fundamento. Não mereço coisa alguma (*apud* ROSA, 2001, p.18-19).

Segundo Nelly Martins, sobrinha da artista plástica Lídia Baís, “ela conviveu nos maiores centros culturais do Brasil e da Europa do seu tempo”. Cresceu “freqüentando ateliers, museus, igrejas, escolas de arte e se relacionando com outros pintores, professores e colegas” (*apud* ROCHA, 2011, p.100). Participou de aulas na Escola Nacional de Belas Artes no Rio de Janeiro, onde conheceu o poeta Murilo Mendes. Suas obras são repletas de símbolos da vida brasileira, mas a maior parte delas encontra-se atualmente encaixotada, e a artista “(...) extravasou na arte os sonhos que se perderam na noite dos tempos” (ROSA, 2001, p. 19). A grandeza de sua obra, “essência de uma vida”, só veio a ser reconhecida pelo público depois de sua morte, em 1985.

Após a morte de Lídia Baís, todos seus pertences, inclusive as obras, foram divididos entre seus familiares, e a casa, que considerava como seu museu de arte, foi vendido. Todo o acervo cultural da artista foi doado pela família para o estado de Mato Grosso do Sul, através da Fundação de Cultura, e hoje parte de seus quadros podem ser admirados na Morada dos Baís, no centro de Campo Grande.

Outro grande artista de Mato Grosso do Sul contemplado no volume de crônicas de Sá Rosa é o “poeta das águas” Manoel de Barros, que “nos brinda” de forma perfeita com os encantamentos transmitidos por seus poemas.

Aos 19 anos Manoel de Barros escreveu seu primeiro poema, mas sua revelação poética aconteceu aos 13 anos quando estudava no Colégio São José dos Irmãos Maristas, no Rio de Janeiro, onde descobriu os “Sermões” do Padre Antônio Vieira e se apaixonou pela linguagem usada pelo sacerdote. Com João Guimarães Rosa, encontrou a “renovação do mundo pela linguagem” (ROSA, 2011, p. 36):

Para vogarmos (sic) em canoa leve como um selo, desconfiado da arrogância dos que pensam tudo saber, porque, para viver bem, basta apenas um rio e um pouco de árvores. Para ser atingido em todos os poros por uma linguagem única, feita de desvios, que nos leva às melhores surpresas e araticuns maduros, num silêncio tão alto que os passarinhos ouvem de longe. Para descobrir que a poesia é a casa do coração, onde renascemos para o prazer de ver, sentir, tocar o intenso sentimento do efêmero, e assim saboreá-lo em plenitude (*apud* ROSA, 2001, p.25).

Manoel de Barros consegue dar vida às palavras, criar associações inesperadas, surpreende através de imagens poéticas originais, usa uma linguagem complicada com a sensibilidade de um universo poético único: “Esse gosto pelos poetas difíceis, cuja leitura produz uma emoção intelectual, um prazer superior, não sei de onde me veio como também não consigo explicar por que nasci poeta” (*apud* ROSA, 1992, p.51-52).

O poeta publicou inúmeros livros de poesia, ganhando vários prêmios literários, foi na década de 1980 que sua poesia passou a ser conhecida, é considerado um ícone da cultura sul-mato-grossense, pela maneira de transformar as palavras em desejos de linguagem natural, enriquecida através da natureza pantaneira, desvendada por seus mistérios.

E com o reconhecimento da história de cada um desses grandes poetas e artistas unidos pela luta do Estado, vem o nome do político Demosthenes Martins, que nasceu em outubro de 1894 na cidade de Goiana, Pernambuco, vindo a falecer em março de 1995, em Campo Grande. Demosthenes Martins, aos 16 anos, emigrou para Amazônia, veio para o Mato Grosso na década de 1910 em busca de oportunidades, assim teve chance de fazer história no estado, tornando-se pioneiro do processo histórico numa época onde “constroem a vida no lugar em que se instalam” (ROCHA, 2013, p.45). Aqui se firmou para sempre, sendo definitivamente um dos mais importantes representantes da história política e social de Mato Grosso do Sul:

Um nome é mais que uma geografia, uma planície de angústias, uma montanha de sucessos, ou um deserto de solidão. Por debaixo do nome

Demósthene Martins, deslizam rios de generosa entrega, ilhas de tranquilo dever realizado. Esse homem pequeno, que há cem anos pouso o brilho dos olhos azuis sobre a inteligência das coisas, exercita através de longa paciência o segredo de conservar-se imune as misérias do cotidiano, numa batalha contínua a favor do povo e da terra sul-mato-grossense (ROSA, 2001, p.27).

No Mato Grosso, Demosthenes Martins foi homem público, essencial na formação da identidade do estado, escreveu algumas obras literárias (a mais importante, seu volume de memórias intitulado *A poeira da jornada*), ocupando a cadeira número 5 da Academia Sul-mato-grossense de Letras. Considerado cidadão Mato-Grossense pela Assembleia Legislativa, seus escritos registram dedicação ao desenvolvimento e organização do estado.

Demosthenes ocupou quatro prefeituras no estado sem nunca requerer um lote urbano em seu nome, nunca teve, segundo Sá Rosa, a preocupação “em reservar qualquer privilégio para si mesmo” (ROSA, 2001, p. 29). Sempre zelando pelos bens públicos, venceu todos os limites adequadamente, foi reconhecido na luta pelo desenvolvimento do estado, através do trabalho árduo.

Além de artistas, escritores e memorialistas, Sá Rosa também dá destaque, em *Crônicas de fim de século*, a grandes atores nascidos no estado do Mato Grosso do Sul, tais como Rubens Correa e Aracy Balabanian. O primeiro tornou-se um dos maiores atores do Brasil, através sobretudo do contato com “o circo e o cinema”. Sua grande emoção durante a infância foi quando viu um circo pela primeira vez:

Segundo suas próprias palavras: “foi para isso que nasci. E, minha vida, sem a possibilidade destes momentos de criação, não teria sentido, nem razão de ser. É com a mais profunda humildade que hoje no cenário de Aquidauana, já posso afirmar. Eu sou o teatro” (*apud* ROSA, 2001, p. 46).

Ele entregou sua vida ao teatro, construiu sua carreira ao lado do diretor e ator Ivan de Albuquerque, juntos emplacaram seus maiores sucessos, também fundaram uma companhia de teatro e encenaram “um repertório de melhor qualidade” sem se limitar ao teatro, fizeram belos trabalhos no palco, no cinema e na televisão. Rubens Correa morreu em janeiro de 1996, sempre dando ênfase ao seu amor ao teatro e ao palco, fazendo da arte uma extensão de sua vida.

Assim como Correa, Aracy Balabanian também, de acordo com Sá Rosa, “muitas vezes desceu nos infernos, onde percorreu os labirintos da Angústia, da desesperança para reerguer-se de alma limpa, revigorada pelo sofrimento, aberto ao amor” (ROSA, 2001, p. 53). Sendo seus pais imigrantes vindos da Armênia, a família se instalou em Campo Grande, onde nasceram Aracy e mais sete irmãos. Ainda adolescente, mudou-se para São Paulo, onde

cursou Ciências Sociais e a Escola de Arte Dramática, tendo abandonado os estudos de Sociologia para se dedicar exclusivamente ao teatro.

Sua estreia na televisão foi na TV Tupi, em meados de 1968, mesmo contra a vontade do seu pai, tendo se tornado uma das maiores intérpretes no meio artístico, e vivido personagens marcantes no teatro e na TV, tais como o papel de Clarice Lispector em *Clarice Coração Selvagem*, e, na Rede Globo, a Cassandra do Programa humorístico “Sai de Baixo”:

Aracy modela na máscara facial as mais diversas percepções do mundo, “enche de doçura os olhos da gente”, como definiu em crônica o poeta Carlos Drummond de Andrade. A voz expressiva desdobra-se em inflexões que denunciam o domínio da técnica da palavra pela palavra (ROSA, 2001, p.54).

“Aclamada no Brasil inteiro, de forma unânime, pela fama e pela crítica” (ROSA, 2001, p. 54), Aracy Balabanian é hoje uma das artistas mais importantes do teatro nascida em território sul-mato-grossense, ao lado de Rubens Correa e de Glauce Rocha.

Outra artista destacada por Sá Rosa é a cantora Teresinha Maria Miranda Espíndola, mais conhecida como Tetê Espíndola, “(...) força viva da natureza no cenário de Mato Grosso do Sul e do Brasil” (ROSA, 2001, p.83):

:

Na voz de Tetê Espíndola, estavam consubstanciados os apelos da terra, do fogo, do ar, e da água. Era como se estivéssemos diante da natureza-mãe, num giro de canções, em que mil instrumentos se faziam presentes nos tons de uma voz que basta a si mesmo: é duzentos, trezentos como queria o poeta Mario de Andrade(...).Impossível qualquer conclusão, visto que só aos que dominam o engenho e a arte a um só tempo, como queria Camões, é concedida a prerrogativa de operar milagres nos domínios da invenção (ROSA, 2001, p.80-81).

Foram muitos os artistas e intelectuais que participaram dos desafios da cultura sul-mato-grossense. Com a divisão do estado, todas essas personalidades descobriram suas identidades, desenvolvendo-se tanto humana quanto economicamente:

Com a divisão, instalou-se novo tipo de mentalidade em relação à Cultura, que passou a contar com seu primeiro órgão oficial, a Fundação de Cultura de Mato Grosso do Sul, funcionando interligada à Educação à Saúde, ao Esporte e à Ação Social, (...). Deu-se ênfase às produções dos artistas da terra. Campo Grande funcionou como foco irradiador de Cultura, num processo de interiorização, que se preocupou em descobrir e valorizar os talentos locais (ROSA, 2001, p.115).

O estado conquistou símbolos culturais importantíssimos, tais como: o Pantanal, o Trem do Pantanal, o tereré, e lindos ipês nas cores roxo, amarelo, rosa e branco: “cultura é a soma dos bens materiais produzidos pelo homem, em oposição aos produtos da natureza” (ROSA, 1992,

p.13).Contou com uma produção artística local, de um movimento “jovem promissor”, a arte do sul de mato grosso segue construindo história com influências e colaborações a favor do movimento pela arte e cultura.

Em Mato Grosso do Sul, enfocam-se diversos aspectos ricos em cultura, como a música, a literatura e o teatro regionais, além de associações interessadas na consolidação e divulgação da cultura do estado:

Associação Campo-Grandense de Professores, a ACP, consolidou-se com o grande símbolo das lutas de nossos mestres, contra a ignorância, o descaso dos poderosos em relação aos problemas do ensino e, principalmente contra os salários humilhantes, que sempre perseguiram os que fizeram do ensino uma opção de vida (ROSA, 2001, p. 131).

A ACP teve uma grande importância na educação do Estado, tudo era difícil naqueles anos de 1952 a 1995, até a “campanha para a conquista da sede” envolvendo professores e alunos para a coleta de fundos. A história é marcante, voltada principalmente para o cultivo da arte literária e de outras instituições artísticas, tais como a “(...) Casa do Artesão e Colégio Estadual – Referência da memória campo-grandense” (ROSA, 2001, p. 134).

A Casa do Artesão, que desde 1975 expõe e vende artesanatosul- mato-grossense, foi tombada pelo patrimônio histórico estadual em 1994, levando ao prazer de um tempo, “para os presentes e futuras gerações, um bem cultural de grande valor histórico” (ROSA, 2001, p. 137):

Muitas vezes, vimà Casa do Artesão, conduzindo visitantes, que faziam questão de comprar cerâmicas cadiueu, toalhas de abrolhos, rendas ou cestas (...). Hoje, vinte anos depois de sua inauguração, a Casa do Artesão é o grande ponto turístico da Capital, que recebe no período de férias cerca de dois a três mil visitantes (ROSA, 2001, p. 137).

A partir de tudo o que foi mencionado, podemos deduzir que aqui foi se formando, aos poucos, um conjunto de manifestações artísticas e culturais, com a contribuição das várias migrações ocorridas em seu território e desenvolvidas pela população sul-mato-grossense: “O direito à memória, como parte da concepção de cidadania cultural, indica que todos devem ter acesso aos bens representativos do passado e da tradição” (ROSA, 2001, p. 143). Assim, o estado transformou-se num centro de valorização dos “bens culturais”. Com a divisão dos dois estados, “houve em Campo grande uma explosão de risos, de fogos de artifício, de alegria aprisionada nos círculos rígidos da dependência institucional” (ROSA, 2001, p. 149).

O mato-grossense do Sul do estado (hoje sul-mato-grossense), antes da divisão, sofria com o abandono do poder político e dos investimentos econômicos, devido à grande distância da então capital Cuiabá. Isso repercutiu nas manifestações culturais, que tiveram a dificuldade

de divulgação semelhante ao distanciamento político: “As cidades de Mato Grosso do Sul sentiam-se isoladas, abandonadas, vistas de longe pelos detentores do poder, que iam e vinham, sem que soubéssemos de onde nem para onde” (ROSA, 2001, p. 150).

A partir do dia 11 de outubro de 1977 (data oficial da criação de Mato Grosso do Sul), aos poucos, o estado começa a se desenvolver mais do ponto de vista econômico e, ao mesmo tempo, o povo, de modo geral, começa a se reconhecer como possuidores de uma identidade própria, independente dos mato-grossenses do norte do estado, sentimento que, devido ao longo período de unidade política, muitas vezes foi deixado de lado ou abandonado, mas que, com a divisão, surge como uma necessidade cultural do povo sul-mato-grossense, que percebeu “(...) no brilho do dia o mundo se recompor em cores para a liberdade criar, de ser, de crescer em direção ao futuro” (ROSA, 2001, p.151). Assim o Estado tem hoje como resultado um grande trabalho de dedicação na arte, literatura, poesia, música, etc.

Vale a pena ressaltar que o desenvolvimento de uma identidade representativa do estado mobiliza-se através de diversas elaborações culturais em um processo sempre dinâmico e em construção, destacando-se, como vimos na obra de Sá Rosa, artistas plásticos, professores, políticos, escritores e músicos, dentre outros, que se encarregaram de criar e de discutir a identidade sul-mato-grossense, a partir da visão e da compreensão de suas principais manifestações culturais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste artigo, nosso objetivo foi o de realizar e interpretar um estudo relacionado aos memorialistas do estado de Mato Grosso do Sul, destacados nos livros da professora e escritora Maria da Glória Sá Rosa, com ênfase nas obras *Deus quer o homem sonha a cidade nasce – Campo Grande Cem anos* (1999) e *Crônicas de fim de século* (2001), que trazem episódios ligados aos profissionais que contribuíram para o desenvolvimento da história e da literatura sul-mato-grossenses.

Sá Rosa busca relatos de intelectuais e políticos representativos da cultura do estado, tendo como destaque especialmente a luta pela divisão do Mato Grosso. De várias maneiras percebem-se os mais diversos desafios desses profissionais constituídos por professores, artistas plásticos, escritores, atores, músicos, políticos, enfim, todos que participaram da luta pelo desenvolvimento da região, constituindo-se o alicerce da cultura do estado de Mato Grosso do Sul.

A contextualização na luta desses pioneiros pela melhoria do estado são relatos de acontecimentos e memórias vivenciados por pessoas que se esforçaram para deixar riquezas culturais no espaço estabelecido pela força da tradição, batalharam por projetos para a construção e amadurecimento do estado. Sá Rosa arquivou, mesclou e anotou informações a partir dos mais variados retalhos de textos, alargando os horizontes de pesquisa em torno dos profissionais que se tornaram artistas na área memorialística.

Sá Rosa também registra em suas obras a representatividade existente sobre a riqueza desses historiadores aqui caracterizada, apresentando histórias de quem sempre lutou pela autonomia do sul do Estado, relacionando fatos, gestos e lembranças numa coletânea de textos, recortes, fotografias, pinturas, entre outros. A autora exercita seu trabalho que vai se abrindo frente aos olhos do leitor, conectando, interrelacionando e construindo histórias cujas lembranças teriam permanecido apenas na memória de poucos.

As obras pesquisadas, portanto, além da conexão óbvia com a constituição de uma memória do estado, reconhecem a importância desses heróis que deram início a história do Mato Grosso do Sul autônomo, que, através de seus valores, nortearam a formação, a conquista e a construção de uma história de crescimento, adotada como terra natal por todos que aqui chegaram das mais diversas partes do Brasil e do exterior, dentre eles: mineiros, paulistas, gaúchos, pernambucanos, árabes, todos a quem esta terra abriu suas portas e à qual dedicaram sua força de trabalho e identificação pessoal.

Maria da Glória Sá Rosa reuniu personagens que fizeram a história do estado e transformou relatos em depoimentos comoventes, permeando o saber da luta com o sabor da vida, sabendo que ainda há muito a ser investigado e pesquisado, que histórias continuem a ser imaginadas, recriadas e encenadas no teatro da memória sul-mato-grossense.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBOSA, José Rodrigues. *Histórias da Terra Mato-grossense*. São Paulo: Editora do Escritor, 1983.

BARROS, Manoel. *Matéria de poesia*. Rio de Janeiro – São Paulo: Editora Record, 2001.

CARVALHO, Tania. *Aracy Balabanian: nunca fui um anjo*. São Paulo: Cultura – Fundação Padre Anchieta, 2005.

ESPÍNDOLA, Humberto. *O sopro*. Óleo sobre tela (1,30 x 1,70 cm). Campo Grande: Museu de Arte Contemporânea, 1978.

MACHADO, Paulo Coelho. *Pelas Ruas de Campo Grande: A Rua Principal*: Campo Grande: Tribunal de Justiça de Mato Grosso do Sul, 1991.

PINHEIRO, Alexandra Santos. Vozes femininas na escrita de Maria da Glória Sá Rosa. In: BUNGART NETO, Paulo; PINHEIRO, Alexandra Santos (Orgs.). *Ervais, pantanais e guavirais: cultura e literatura em Mato Grosso do Sul*. Dourados: Editora UFGD, 2013, p. 145-161.

REIS, Elpídio. *Pedro Chaves dos Santos*. A jornada de um predestinado: Campo Grande, 1993.

RIGOTTI, Paulo Roberto. *Imaginário e representação na pintura de Lidia Baís*. Dourados, MS: UEMS/UFGD, 2009.

ROCHA, Guimarães. *Grandezas da literatura sul-mato-grossense*. Campo Grande: Life Editora, 2011.

ROSA, Maria da Glória Sá. *Deus quer o homem sonha a cidade nasce*: Campo Grande – 100 anos de história. Campo Grande: FUNCESP, 1999.

ROSA, Maria da Glória Sá; DUNCAN, Idara; MENEGAZZO, Maria Adélia. *Memória da arte em Mato Grosso do Sul: histórias de vida*. Campo Grande: CECITEC/UFMS, 1992.

ROSA, Maria da Glória Sá. *Crônicas de fim de século*. Campo Grande: Editora UCDB, 2001.

ROSA, Maria da Glória Sá; NOGUEIRA, Albana Xavier. *A literatura sul-mato-grossense na ótica de seus construtores*. Campo Grande: Fundação de Cultura de Mato Grosso do Sul, 2001.

<http://www.acletrasms.com.br/materia.asp?ID=249>. Acesso em 23-12-2013.

http://www.capital.ms.gov.br/arca/canaisTexto?id_can=4019. Acesso em 23-12-2013.